



O mito da Medusa e sua relação com a poesia de Judith Teixeira

The Medusa's myth and its linking with the poetry of the Judith Teixeira

Fabio Mario da Silva ¹

Resumo: Este artigo propõe-se analisar a obra poética da poetisa portuguesa Judith Teixeira, tendo como ponto de partida o mito da Medusa. Far-se-á, primeiramente, uma revista em torno das implicações ideológicas que envolvem este mito grego, fundador de certas noções qualificativas do feminino, recorrendo a autores como Pierre Grimal, Jean Chevalier, Sigmund Freud entre outros. Num segundo momento, identificar-se-á como, e com que dinâmica, a autora assume em sua poesia laivos medusianos.

Palavras-chave: Medusa, Judith Teixeira, poesia, representação.

Abstract: In this article we intended to analyze the poems of the Portuguese poetess Judith Teixeira, having in mind the myth about Medusa as a starting point of our reflections. Therefore, will be done, firstly, a revision concerning the ideological implications involving this Greek myth, founder of certain notions about woman and the femininity, recurring to authors such as Pierre Grimal, Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, Sigmund Freud, among others. In order to perceive, subsequently, its dynamics and how the author assumes Medusa-like tone in her poetry.

Keywords: Medusa, Judith Teixeira, poetry, representation.

Desde tempos remotos vários artistas representaram a figura tenebrosa de uma mulher banida e condenada a um destino trágico, o que culminou numa das mais conhecidas e representativas lendas da mitologia grega: a figura aterrorizante da Medusa. É justamente na poesia de Judith Teixeira (1880-1959) que este mito irá comparecer com sinais de alguns laivos, mais notoriamente, pela primeira vez, na literatura portuguesa, através de um discurso lírico inquietante. Inclusivamente, a presença desse mito foi já identificada, de maneira bem sucinta, num artigo de nossa lavra, no qual referimos o carácter condenador do olhar penetrante e petrificador que permeia a obra judithiana (cf. SILVA, 2013, p.67-68). Contudo, Martim Goveia e Sousa, no seu prefácio à obra *Decadência*, publicada em 2002, já enunciava, indiretamente, a representação desta figura: “uma poesia agónica e desesperançada que convoca um sujeito lírico platonicamente incrustado ao ‘cárcere maldito’, numa prisão abundante de obsessões nosológicas e necrológicas” (SOUSA, 2002, p.17). Carga mitológica essa percebida

¹ Pós-doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). É doutor em Literatura, mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal).

também pelo mesmo crítico ao aludir ao mito de Leda nos versos de “Ao espelho” (2009,p.25). Porém, é nos estudos de Suilei Giavara que sobressaem as análises referentes ao teor mitológico na poesia judithiana, na qual identificou laivos desde a mitologia grega clássica, referindo-se à figura de Leda, mas agora no poema “A estátua” (cf. GIAVARA, 2012, p.91-92), passando por fontes da mitologia nórdica, através de vestígios de uma representação de anões (cf. GIAVARA, 2013, p.193), até notar, num texto em conjunto com Michelle Nascimento, o olhar associado à contemplação da figura mitológica de Narciso (GIAVARA; NASCIMENTO, 2013, p.6). Contudo, antes de nos adentrarmos nos tópicos medusianos da poesia de Judith, é preciso fazer uma revista em torno da referida lenda e de suas implicações ideológicas.

Quando nos referimos ao mito da Medusa necessariamente temos de aludir a outras narrativas mitológicas, sendo que todas elas traduzem a ideia de trágica beleza da Medusa. Por exemplo, a narrativa de Perseu, que concebido por Dânae, a mais bela de todas as mulheres, através da cópula com Zeus, foi banido, juntamente com sua mãe, para uma terra longínqua por seu avô Acrísio, rei de Argos. Isto se deve ao receio de Acrísio de que se cumprisse uma profecia: a de que seria morto pelo seu neto – fato que se concretiza, efetivamente, no final da estória, por ser impossível fugir ao Destino, segundo a mundividência grega. Contudo, mãe e filho banidos foram acolhidos em uma ilha por humildes pescadores, cujo rei se apercebeu da beleza estonteante daquela e, querendo a todo custo desposá-la, pensou num pretexto para se livrar de seu filho. O rei incita assim Perseu, falando das figuras assombrosas das Górgonas (Euríale, Esteno e Medusa²), a conseguir a cabeça de uma delas, coisa que desejava muito. Desafio este que o jovem Perseu consegue levar a bom termo – com a ajuda de Atenas, que lhe empresta um escudo; de Hades, que lhe dá um capacete que lhe permitia ficar invisível; e por fim, de Hermes, que lhe concede as sandálias aladas e uma espada – enfrentando estas temidas figuras com as devidas precauções, já que fora previamente avisado de que apenas com um olhar a Medusa poderia petrificá-lo completamente. Perseu consegue, então, decepar a cabeça³ justamente da única das três Górgonas que não era

² Segundo Pierre Grimal, o nome de Górgona é geralmente dado a Medusa, considerada a Górgona por excelência (GRIMAL, 2004, p.182).

³ Um fato curioso é que do sangue deste monstro fêmea tão venal brotara, segundo uma das versões do mito e da história de Belerofonte, quando teve sua cabeça decepada por Perseu, um cavalo alado maravilhoso, Pégaso, símbolo da imortalidade, que com suas asas celestes poderia chegar até ao Olimpo. Implicamente, isto significa que do sangue ou do DNA de uma figura feminina aterrorizadora, pode nascer um ser de luz – neste caso, um animal selvagem, puro e sagrado, o mais desejado de sua estirpe. Animal esse que transcende, segundo Dean Miller, a vida e a morte e está estreitamente ligado à ideia de feitos heróicos: “The horse, is much more widely, typically, and closely conected to the human heroic figure, especially in the most dramatically autlined scenarios of life and death” (MILLER, 2002, p.74), apontando-

imortal, a Medusa, enquanto as outras suas irmãs dormiam, e entrega a cabeça deste monstro-fêmea a Atenas que a encrava no seu escudo como figura protetora, podendo, a partir de então, petrificar os seus adversários em seus combates.

Atentemos como seriam, inicialmente, essas mulheres maléficas descritas por Edith Hamilton: “três seres com grandes asas e corpos cobertos de escamas doiradas e, como cabelo, uma massa confusa de serpentes contorcidas” (HAMILTON, 1991, p.210), sendo interpretada dentro da simbologia cretense como figura terrível da morte, advinda duma encarnação diabólica (DOMUULIÉ, 1988, p.1010). Contudo, como adita Pierre Grimal, este mito sofreu várias evoluções desde suas origens remotas até à era helenística, passando pela ideia da Górgona como monstro aterrorizador, para depois ser narrada como a história de uma vítima, Gorgo, bela jovem que rivaliza com Atenas, principalmente por causa da beleza dos seus cabelos, sendo punida pela deusa que transformou sua cabeleira em serpentes (cf. GRIMAL, 2004, p.187). Em uma outra versão, diz-se da cólera de Atena que se abatera sobre esta mulher porque Poseidon a violara num templo que lhe era consagrado, e devido a este sacrilégio a deusa punira a jovem. Nestas outras duas versões do mito está imbuída, pois, a ideia de rivalidade feminina, bem como a da sua culpabilidade, quer pela inveja, quer pela profanação do espaço sagrado, versões essas que iremos nos basear mais fortemente nas nossas análises. Contudo, reparemos que a punição do ato sexual, forçado por parte do deus, recai sobre a jovem – Poseidon é uma figura divina masculina, e não pode, por isso, ser castigado ou questionado. Ou seja, a história da Medusa é tanto encarada como a representação maligna feminina ou ainda vista como a triste história de uma inocente condenada à escuridão.

No entanto, quando se fala deste mito, há dois textos modernos que nos ajudam a repensar a figura da Medusa. Primeiramente, nos deparamos com um pequeno esboço de Sigmund Freud, intitulado “A cabeça da Medusa”, no qual o autor associa esse deparar ao medo da castração, que estaria ligado a uma visão amedrontadora, sendo a Medusa a representação do símbolo genital feminino e as suas inúmeras serpentes na cabeleira uma referência ao falo, ou a falta dele. Este mito representaria assim, acima de tudo, o medo e a repulsa contra o prazer sexual, e por isso na visão de Freud a virgem Atenas recupera essa imagem como símbolo do seu escudo: “Atena, a deusa virgem, porta esse símbolo do horror na sua veste. Com razão, ela se torna, por meio dele, uma mulher intocável, protegida de qualquer prazer sexual” (FREUD, 2013, p.92).

nos, assim, que mesmo num ser maldito e horripilante podemos encontrar, em meio a sua mais íntima expressão sanguínea, uma descendência benévola e purificadora.

Por seu turno, Hélène Cixous, num dos mais famosos textos de manifesto feminista, intitulado, propositalmente, de “The Laugh of the Medusa”, reivindica a posse da escrita, insistindo numa conscientização das mulheres em serem livres de uma tradição falocêntrica, propondo uma nova insurreição contra padrões estabelecidos: “Write! Writing is for you, you are for you; your body is yours, take it” (CIXOUS, 1976, p.876). Cixous, neste ensaio, cita Freud e Lacan e a referida ideia de castração, mas enfatiza que as mulheres devem ressignificar este mito, opondo-se à visão masculina (neste caso a psicanalítica):

Too bad for them if they fall part upon discovering that women aren't men, or that the mother doesn't have one. But isn't this fear conveniente for them? Wouldn't the worst be, isn't the worst, in thuth, that women aren't castrated, that they have only to stop listening to the Sirens (for the Sirens were men) for history to change its meaning? You only have to look at the Medusa straight on to see her. And she's not deadly. She's beautiful and she's laughing. (CIXOUS, 1976, p.885)

Cixous propõe um novo tipo de intervenção na vida das mulheres: que se assumam a si mesmas, desconstruindo mitos e hierarquias à sua volta. O interessante é compreendermos que apesar de encontrar na obra em prosa de Judith Teixeira laivos de um certo feminismo,⁴ a figura da Medusa está imbricada em sua poesia dentro de uma concepção clássica. Em vários poemas judithianos nos deparamos com diferentes imagens de uma mulher que carrega em si, tal como a Medusa, uma maldição advinda de tempos imemoriais: “Sou o Castigo fatal/ dum negro crime ancestral/ em convulsões de loucura!” (TEIXEIRA, “Predestinada”, 1996, p.21),⁵ numa identificação direta à vaidade feminina, em volta de sua cabeleira, alusão ao mito da Medusa:

Doirado, fulvo, desmaiado

⁴ Confira-se o ensaio de Fabio Mario da Silva, “O desassossegado erotismo feminino em *Satânia* de Judith Teixeira”, nos *Anais do XVIII Congresso da ABRALIC INTERNACIONAL*, disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_841_6932f34f0b8eb10dab4f91d4380f3da2.pdf>.

⁵ Utilizaremos como referência a obra *Poemas* (Lisboa, Edição & etc, 1996), com prefácio de V.S.T. e *scriptorium* de Maria Jorge, que contém, para além das obras compiladas pela autora (*Decadência*, *Castelo de sombras*, *Nua – poemas de Bizâncio*) também poemas dispersos, bem como a conferência intitulada “De mim” em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética e sobre a Moral. Tomaremos a liberdade, nas referências seguintes, de indicar apenas, entre parênteses, o nome dos poemas e/ou a página na qual são citados, na referida edição.

e vermelho,
tem reflexos de fogo o meu cabelo!
Neste conjunto diverso,
quando me vejo assim, ao espelho,
encontro o meu todo, um ar perverso... (“Os meus cabelos”, p.28)

Em “Ao espelho” também encontramos na descrição desses cabelos uma ideia que a interliga a um símbolo feminino por excelência:

Reflectido no espelho
que me prende o olhar,
desmaia o oiro vermelho
dos meus cabelos desmanchados,
molhados
de luar! (p.53)

Notamos que nestes versos é na noite que os fios de seus cabelos reluzem desmanchados em ouro vermelho (cor associada à imagética do erotismo). Os seus próprios cabelos lhe prendem o olhar através da visão do reflexo de um estado vaidoso ligado à sua cabeleira, numa contemplação e observação noturna que aparentemente encandece veementemente o seus fios de oiro banhados pela lua – lua essa que pode ser interpretada como símbolo místico ligado às mulheres bruxas. Em “Os meus cabelos”, estes espelham um fogo abrasador; dentro de uma concepção da “força feminina”, quer dizer, de sedução, imbuído de erotismo, e que por isso reflete uma certa condenação social pela pecaminosidade. O sujeito lírico identifica o seu “ar perverso” que, pausado no seu olhar, através da representação do seu cabelo, reluz e é perigoso, visto que queima,⁶ num jogo que é típica representação medusiana. Seus cabelos então funcionam como mecanismo que lhe lembram, tal como a Medusa, a sua punição, a sua relação com a vaidade, a corruptibilidade feminina, ligada ao seu estado de espírito, neste caso, o maléfico. Já que foi justamente a sua cabeleira, um atributo feminino sensual e de vaidade da Medusa, que fez com que Atenas a punisse justamente transformando-os em

⁶ Em relação a esta dinâmica do fogo Gaston Bachelard fala-nos do duplo sentido deste elemento: “como todas as dialéticas sensíveis que encontrámos na base da sublimação dialéctica, a idealização do fogo pela luz assenta numa contradição fenomenal: por vezes, o fogo brilha sem queimar, neste caso o seu valor é toda pureza” (BACHELARD, 1989, p.114). Já aquele fogo que queima deliberadamente deixa cinzas (BACHELARD, 1989, p.112-113) – muitas vezes consideradas excrementos – maculando, assim, a pureza, e provocando sofrimento, características essas que mais bem se aplicam aos poemas de Judith Teixeira.

cobras venenosas, afastando assim os mortais e os deuses, que não lhe veriam mais atrativos. É neste sentido, do enfrentamento de si mesma, que Suilei Giavara e Michelle Nascimento observam a dinâmica do olhar nos poemas de Judith Teixeira:

[...] os motivos poéticos ligados ao olhar são geralmente desencadeadores de um processo de auto-observação, de sondagem interior na tentativa de autorreconhecimento, é, portanto, um olhar que incide sobre o sujeito e o desmascara para si mesmo” (GIAVARA; NASCIMENTO, 2013, p.6).

É nesta linha de pensamento que Chevalier e Gheerbrant interpretam o mito das três Górgonas, que simbolizaram:

O inimigo a combater. As deformações monstruosas da psique são devidas às forças pervertidas de três pulsões: sociabilidade, sexualidade, espiritualidade. Euríale seria a perversão sexual, Esteno a perversão social, Medusa simbolizava a principal destas pulsões: a pulsão espiritual e evolutiva, mas pervertida em *estagnação vaidosa*. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2004, p.357, itálicos dos autores)

Tal como a significação da Medusa explicitada pelos estudiosos, a poesia de Judith está imbricada com essa compulsão violenta do espírito que se reflete na representação do seu corpo, quase como uma busca da sua beleza primordial. De igual modo, os versos de Judith, como também um dos mitos da Medusa (lembremo-nos que numa das narrativas sobre este mito fala-se do seu envolvimento por Poseidon, que fez com que Atenas a metamorfoseasse num monstro), estão ligados ao desengano amoroso:⁷

Agora, iniciada, junto aos meus ouvidos
mal chega a viva dor, do que eu me separei!
Destruí a Beleza, deixando vencidos
a paixão e o amor que assim repudiei...
[...]

⁷ Por isso em “As Tuas Mãos” o “eu” lírico confessa, através da tópica do olhar medusiano que se perde no amor: “Os meus olhos de sonho/ ficaram presos tristemente/ às tuas mãos!...” (p.140).

Hoje tenho desejos confusos, internos ...
Ódios dentro de mim, fúrias a estrebuchar –
e torturadas ânsias, abrem-me os infernos! (“Nada”, p.67, grifo
nosso)

Ou ainda no poema “Maldição”, no qual o “eu” lírico profere:

Maldito sejas tu pela amargura
da minha vida assim tão desolada! ...
Oh! Como a ânsia feroz desta tristura
envenenou minha alma acrisolada!

[...]

Maldito sejas por tanta hora triste
em que nas garras curvas deste amor,
– tanta *beleza em mim tu destruístes!* – (p.193, grifo nosso)

Nos dois poemas citados a mulher desiludida representa, além da derrocada na vida propiciada por um amor destrutivo, uma outra concepção importante que está ligada à noção de beleza, neste caso, condicionada pelo amor. Isto porque a noção de beleza nestes versos passa, efetivamente, pela ideia contida no lexema primitivo grego, “*kalon*”, que seria traduzido por “belo” ou, mais precisamente, aquilo que é agradável, prazeroso, querido, ou seja “que suscita admiração, que atrai o olhar” (ECO, 2005, p.40-41). Se em “Nada” o “eu” destrói toda a sua beleza para não ser sucumbido pelo amor, negação que leva o sujeito lírico, assumidamente feminino, a habitar, numa descrição de convulsões espirituais, o isolado e sofrido inferno, local descrito na obra judithiana como lugar de punição e apedrejamento dos excessos humanos e, sobretudo, dos femininos; em “Maldição” a beleza é posse do ser amado que lhe arruína a tal ponto que envenena a sua alma, aparentando-se a uma Medusa já transformada em monstro, devido a profanação sexual e amorosa, justamente realizada no templo dedicado à virgem Atenas. E como adita Eco, a beleza, desde o tempo dos gregos clássicos, está interligada aquilo que atrai o nosso olhar (cf. ECO, 2005, p.41), e por isso mesmo é o olhar da Medusa que congela, petrifica o outro, eternizando a sua maldição, sendo a vítima do seu próprio erotismo, visto ter copulado com Poseidon em local sagrado. Neste caso, negar o olhar à

Medusa é confirmar a sua feiura e condenação, reiterando a nossa própria beleza, que deve fugir aos seus olhos. É exatamente esta problemática dos “olhos macerados” que congelam o “outro”, trazendo nos seus “nervos a morte”, transformando o sujeito poético numa “sombra em recorte/ de tristeza e de ruína” (TEIXEIRA, “Fim”, 1996, p.44) de uma Medusa de face escura e maléfica. Se o olhar condena e é provocador de sensações, ele também espelha a sua maldição, como assim queria a deusa Atenas quando amaldiçoou a Medusa. Contudo, num outro poema, fica evidente que é o olhar alheio que lhe traz tormento – encontramos em sua poética sobretudo um “olhar ansioso” com desejos de “fundir-se” em outro (TEIXEIRA, “Liberta”, 1996, p.56).⁸ Destarte, “O Palhaço” vem acrescentar uma outra perspectiva para a nossa reflexão, observamos a ideia dos “olhos que riem”. O “eu” descreve um palhaço que anda sempre a rir dentro de si, rasgando de dor o seu peito às gargalhadas, acrescentando que:

Sobe aos meus olhos sempre a rir assim... -
 espreitando as figuras malsinadas
 que se não vestem nunca de arlequim,
 mas que andam pela vida disfarçadas.

Na sombra dos meus cílios, emboscado,
 ri, no meu *olhar frio e desolado*,
 escondendo-se atónito e surpreso...

E quando desde à triste moradia,
 vem mais louco e soberbo de ironia
 na irrisão dum sarcástico desprezo! (TEIXEIRA, “O Palhaço”, 1996,
 p.106, grifo nosso)

Há, nestes versos, uma obrigação em fundir sinestesticamente o olhar que ri a um tom sarcástico, numa cena trágica e não cômica, o que seria mais provável, relevando, mais uma vez, que o olhar provoca sensações diversas. Esse “olhar frio e desolado” espelha já uma certa condenação, lembrando-nos uma Medusa já transformada em monstro, a habitar um local lúgubre, funesto, gélido e solitário. Um outro fato importante é

⁸ É preciso aqui lembrar George Bataille que refere que este perder-se no outro é uma das tópicas do erotismo, dinâmica muito presente nos poemas desta poetisa: “O Erotismo, já o referi, é, na minha opinião, o desequilíbrio no qual o ser a si próprio se põe em questão, conscientemente. Num certo sentido, o ser perde-se objectivamente, mas nesse caso o sujeito identifica-se com o objecto que se perde. Se for necessário, posso dizer no erotismo: EU perco-me” (BATAILLE, 1980, p.32).

que apesar do riso e do sentimento doloroso parecerem díspares, George Bataille lembramos a sua intrínseca relação:

A morte está associada às lágrimas, e o desejo sexual por vezes associa-se ao riso. O riso, porém, não é tão contrário às lágrimas como parece: o objecto do uso e o objecto das lágrimas estão sempre relacionados com uma qualquer espécie de violência (BATAILLE, 2012, p.27).

Do mesmo modo, encontramos a descrição, em “O Palhaço”, de uma violência daquele que sofre de um mal que é ironizado por uma figura, um espectro, que faz moradia dentro de si mesmo, um mal interno – mal esse, observemos, escondido, sendo “atónito e surpreso” e que está presente no seu “olhar frio e desolado”, tal como a Medusa que traz na sua visão o seu mal eterno e supremo, aquele que congela o ser que lhe é mirado.

Apesar de não se ter referido explicitamente ao mito da Medusa, sabemos através da “Conferência de Mim” o conhecimento que a autora possuía sobre a mitologia greco-romana, visto que em sua poética encontram-se facilmente tais referências, por ela mesma já assumidas, quando aludiu ao seu poema “Flores de Cactus” admitindo que ele representa “uma bacante em orgias pagãs” (TEIXEIRA, 1996, p.2011), revelando também que as suas emoções não obedecem a conceitos tradicionais, visto que “nascem duma vibração misteriosa, e eu vivo-as e sinto-as e traduzo-as na maior porção de elegância que a minha arte lhes pode dar” (TEIXEIRA, 1996, p.2010). Na maioria dos poemas selecionados e analisados percebe-se que o cabelo serve como dispositivo à sensualidade, e que estaríamos diante de uma Medusa antes de se metamorfosear em mostro e de ter profanado o templo de Atenas, sendo o seu olhar frio e desolado, já uma percepção de sua condenação eterna, tal como a Medusa depois de ser transformada em monstro para habitar a escuridão, sendo essa uma das versões do mito de que nos servimos para a nossa interpretação.

Em suma, este “olhar medusiano” reflete, ou teria, as seguintes intenções ou funções: aparenta um estado de alma diabólica; quer prender, ser o aprisionamento do seu amado; é capaz de destruir a beleza física ou espiritual; reforça ou refuta a ideia de beleza, na sua acepção grega, ligada à noção de agradável; é salvador ou institui condenações, balizando-se também entre as noções de ironia e violência; por fim, estabelece a problemática da vaidade feminina. Isto quer dizer que nas emoções sentidas

e representadas em seus versos está presente o mito da Medusa, numa tentativa não apenas de autorrepresentação de um “eu” lírico que confessa desesperadamente “Se eu mesma não sei quem sou!” (TEIXEIRA, “Aonde vou?”, 1996, p.22), mas que se manifesta de diferentes formas. Esta será uma maneira, consciente ou inconsciente, da construção de uma imagem da sua condenação feminina, visto que, tal como a Medusa, a poetisa foi injustamente punida socialmente por ter escrito uma literatura considerada sodomita, fora dos padrões sociais, gerando vários comentários depreciativos em torno tanto de sua obra como da sua pessoa, por causa do dos seus poemas considerados “lesbianos”. Judith Teixeira então percebe nos “paralisar”, com um “olhar poético” fora dos padrões vigentes, tornando-nos complacentes com essa tenebrosa imagem, demonstrando, pois, uma legitimidade feminina alicerçada na sua originalidade poética.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral Edições, 1989.

BATAILLE, Georges. **O erotismo, o proibido e a transgressão**. Trad. João Bernard da Costa. 2.ª ed. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

_____. **As lágrimas de Eros**. Trad. e apres. Aníbal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, 1994.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Meduse. **Signs**, Chicago, University of Chicago Press, v.1, n.4, summer 1976, p.875-893.

ECO, Umberto (dir.). **História da Beleza**. Trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

DUMOULIÉ, Camille. Méduse. **Dictionnaire des Mythes Littéraires**. Lorrain: Éditions du Rocher, 1988.

FREUD, Sigmund. A cabeça da Medusa. **Clínica Cultura**, Brasília, v.2, n.2, jul.-dez. 2013, p.91-93.

GIAVARA, Suilei Monteiro. Judith Teixeira e a poética da luxúria. **Todas as Musas**, n.1, jul.-dez. 2013, p.187-193. Disponível em: http://www.todasasmusas.org/09Suilei_Monteiro.pdf. Acesso em 20 mar. 2014.

_____, Muito prazer, Judith Teixeira! **Miscelânea**, Assis, v.11, jan.-jun. 2012, p.81-94. Disponível em:

<<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/6---suilei-monteiro-giavara.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2013.

GIVARA, Suilei Monteiro; NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. O olhar: porta para o paraíso ou para o abismo! In: **Anais do CONGRESSO FAZENDO GÊNERO, 10**, 2013, Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386778073_ARQUIVO_SuileiMonteiroGiavara.pdf>. Acesso em 25 mar. 2013.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Vitor Jabouille. 4.^a ed. Lisboa: Difel, 2004.

HAMILTON, Edith. **A mitologia**. Trad. Maria Luísa Pinheiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

MILLER, Dean A. **The Epic Hero**. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 2002.

SILVA, Fabio Mario da. Florbela Espanca e Judith Teixeira. O mito das *femmes fatales* na literatura portuguesa. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n.16, jan.-jul. 2013, p.55-72. Disponível em: <<http://www.pglettras.ufms.br/revistaguavira/downloads/revguavira016.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2013.

_____. O desassossegado erotismo feminino em Satânia de Judith Teixeira. In: **Anais do CONGRESSO DA ABRALIC INTERNACIONAL, XVIII, 2013**, Campina Grande: UEBP, 2013. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_841_6932f34f0b8eb10dab4f91d4380f3da2.pdf>. Acesso em 13 mar. 2014.

SOUSA, Martim Gouveia e. **Decadência, o primeiro livro de Judith Teixeira**. In: TEIXEIRA, Judith. **Decadência**. Introdução de Martim Gouveia e Sousa. Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu, 2002. p.3-28.

_____. **Judith Teixeira e o lugar: uma 'irmã de Shakespeare' no modernismo literário português**. Coimbra: Areias do Tempo, 2009.

TEIXEIRA, Judith. **Poemas**. Pref. V.S. T. Lisboa: Edição & etc, 1996.